

*De forma consciente, Freire (2011) depreende que, quando revestido de ideologia, ou seja, a constituição de um significado particular, o discurso atua de forma anestésico, distorcendo o modo como percebemos a realidade e confundindo a nossa curiosidade crítica, inventiva e questionadora. Frente a isso, ele alerta que nunca podemos nos posicionar de modo acrítico quando nos deparamos como discursos antiéticos, autoritários, homofóbicos, racistas machistas ou discriminatórios de qualquer natureza.*

**Alexandre Adalberto Pereira**

# Diversidade sexual e arte educação: considerações curriculares

## *Sexual diversity and art education: curricular considerations*

ALEXANDRE ADALBERTO PEREIRA\*

### Resumo

Neste artigo, investigo a inter-relação possível entre arte, multiculturalismo, educação e a diversidade sexual. Do ponto de vista teórico, proponho uma reflexão em torno da arte educação e cultura visual numa perspectiva multicultural crítica como um instrumento para a construção da cidadania. Compreendo que o trabalho docente deve ser pensado como ato político e por isso pode ser uma forma de fazer com que a disciplina escolar de artes visuais crie mudanças educativas não discriminatórias voltadas para a justiça social.

**Palavras-chave:** Arte educação. Multiculturalismo. Diversidade sexual.

### Abstract

In this article, I investigate the interrelation among art, multiculturalism, education and sexual diversity. From the theoretical point of view I propose a reflection on the art education and visual culture in a multicultural perspective as an instrument to the construction of citizenship. I understand that teaching work is a political action and therefore can be a way to make the art (as discipline) in school can create non-discriminatory educational changes aimed at social justice.

**Keywords:** Art education. Multiculturalism. Sexual diversity.

### Introdução

Neste artigo, buscamos apresentar possibilidades aos professores da área de artes visuais para construir saberes multiculturais sobre diversidade sexual na escola. Apresentamos uma discussão teórica baseada nas discussões da educação da cultura visual e do multiculturalismo crítico, compreendendo que os processos educativos em artes visuais podem ser vistos com uma

---

\* Doutor em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia, UFU; Professor do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Amapá, AP; Email: pereiraxnd@gmail.com

lente cultural a partir da qual as imagens presentes nos espaços escolares se transmutam em mecanismos educacionais acionadores de discussões identitárias que nos posicionam enquanto sujeitos no mundo e potencializam debates sobre a inclusão da diversidade.

A reflexão aqui proposta depreende que a subjetividade é uma construção imperfeita e constante, intimamente conectada à questão do autorreconhecimento e do reconhecimento da diferença. Parto da premissa que nenhuma identidade se constrói no vazio e que as imagens e artefatos visuais também são elementos estruturantes da construção identitária.

Sendo assim, busco apresentar uma reflexão sobre como os artefatos visuais são instrumentos que acionam formas de pensar como nossas subjetividades são conduzidas e o quanto a visualidade está, a todo o momento, moldando e remodelando nossas identidades.

As imagens transbordam realidades sociais, emoções, valores, sentidos e significados, que agenciados nas práticas sociais e culturais cotidianas, atuam na construção das identidades. Portanto, seria até certo ponto inocente acreditar que os professores estão distantes desses processos, pois nós também somos o tempo todo, friccionados pelas imagens com as quais lidamos em sala de aula, quer sejam aquelas que estão nos murais dos corredores, as dos livros didáticos, aquelas que deliberadamente nos são mostradas, assim como aquelas que elegemos como legítimas para serem vistas em sala de aula. Ou mesmo, incluindo aquelas que por medo, desprezo, pavor, ódio, pânico, eliminamos do nosso repertório didático e pedagógico quer seja pela sua assustadora ambiguidade ou por tangenciarem questões com os quais não nos sentimos a vontade para construir relações. As pessoas buscam nos meios visuais exemplos que ensinam mediações sociais, conduzindo saberes que dizem respeito ao modo como se aprende, ao longo da vida, a se viver na sociedade.

Sendo assim, mais do que informar, as imagens nos convidam a uma formação identitária constante. É sobre esse aspecto que convém estabelecer um contato crítico, criativo e, por que não dizer, emotivo com as imagens que rodeiam o cotidiano de cada um de nós (digo isso, pois me insiro nessa reflexão sempre que proponho atividades com o uso de imagens com estudantes), sobretudo aquelas com as quais estamos mais acostumados e que de tão perto, aparentemente, se banalizam.

Destarte, compreendemos que as identidades são agenciamentos negociados em todas as instâncias da experiência de cada sujeito no mundo, incluindo aquelas onde nos apresentamos, nos mostrando como alunos e aquelas onde estamos revestidos da performance docente. Neste sentido, comungo reflexões sobre minhas experiências subjetivas de ser docente e como também me narro/construo identitariamente ao lidar com imagens em sala de aula.

## **Educação da cultura visual: uma reflexão crítica**

A cultura visual surge no cenário educacional como uma proposta que altera profundamente o modo como, até então, a arte educação foi encarada,

o motivo dessa mudança qualitativa se dá pelo fato de que a cultura visual não faz distinção das imagens que circulam no cotidiano. Sendo assim, a educação da cultura visual passa a ser mais inclusiva, e é influenciada pela complexidade da vida contemporânea, a tecnologia, a cultura, a mídia, os aparatos visuais, assim como a velocidade com a qual as imagens são percebidas, produzidas, manipuladas, armazenadas e descartadas pelas pessoas o tempo todo.

Trata-se de uma perspectiva ampliada da arte educação que “se estende desde o que vestimos até o que assistimos, incluindo artes visuais, belas artes, publicidade, arte folclórica, televisão, filmes, artes cênicas, design de moda e de interiores, bem como outras formas de comunicação visual.” (STUHR, 2011, p. 132)

Convém destacar que é sobre o universo visual ampliado que está assentado a cultura dos jovens na atualidade, cabendo aos professores construir uma maneira de fazer com que esse conjunto de imagens seja compreendido pelas pessoas de forma crítica e lúdica. (DUNCUN, 2011)

Logo, esse repertório ampliado induz novas maneiras de se construir saberes educacionais para a arte educação. Segundo Duncun (2011) diversos arte educadores vêm propondo que a arte na escola deve priorizar a cultura visual, uma vez que o fio condutor dessa abordagem tende a analisar o conjunto das imagens produzidas pela cultura numa perspectiva crítica que diverge, sobremaneira, do modo como até então a arte educação era pensada, onde o foco disciplinar estava no estudo da arte como sendo “a expressão de uma humanidade essencializada e não problemática” (DUNCUN, p. 21) focado nas belas artes.

A questão é que, na maioria dos contextos culturais onde as crianças e jovens estão inseridos, as belas artes sempre se apresentaram como uma franja erudita, um acessório da cultura, pertencente a grupos possuidores de hegemonia e poder. Quase nunca se tem acesso aos locais “sagrados”, por assim dizer, onde as belas artes estão depositadas, cabendo ao educador, numa perspectiva tradicional, o papel, até certo ponto alienado, de legitimador dos valores sociais dessas imagens para a manutenção do status da hegemonia cultural além de prescrever os sentidos para as mesmas, deixando pouco espaço para porosidades e divergência.

O papel do professor de artes visuais, ao lidar com as imagens, deve divergir de perspectivas tradicionais ao contrapor-se de modo crítico frente à permanência das imagens enquanto formas de representação e de legitimação de valores uma vez que

*Reúne diversos campos de estudos, incluindo o pós-colonialismo, os estudos raciais, a teoria queer, e os estudos feministas [...] o fio condutor que perpassa a teoria crítica revela que todas as formas de representação contribuem, de forma significativa, com lutas sociais. Imagens são concebidas como táticas de poder, empregadas por facções sociais rivais em sua luta pela legitimação de valores e crenças. (DUNCUN, 2011, p. 21)*

Entendemos que, para que um conhecimento visual seja tratado de modo crítico, o mesmo deve ser posto em contraste com as tradições que impelem a construção desses sentidos, que muitas vezes são centrados em pontos de vista obscurantistas ou baseados em paradigmas culturais discriminatórios.

Enquanto parte estruturante da sociedade contemporânea, as imagens são discursos que constituem realidades. No entanto, seus significados são sempre múltiplos e nunca são fixos, muito menos desinteressados ou neutros, são narrativas parciais e sempre dependentes das posições sociais dos sujeitos que se relacionam com as mesmas.

Devemos reconhecer que nenhum discurso possui uma base universal. O que existe são diferentes formas de se relacionar com os saberes que convivem, de modo conflituoso, na sociedade lutando por uma legitimação.

Para dialogar com essa assertiva, trago as sábias palavras de Paulo Freire (2011) que compreende ocorrer uma transgressão ética quando grupos ou pessoas se arvoram de certos recursos para justificar seus discursos como sendo mais válidos que outros. Neste sentido, e ele afirma que

*É preciso deixar claro que a transgressão da eticidade jamais pode ser vista ou entendida como virtude, mas como ruptura com a decência. O que quero dizer é o seguinte: que alguém se torne machista, racista, classista, sei lá o quê, mas se assume como transgressor da natureza humana. Não me venha com justificativas genéticas, sociológicas ou históricas ou filosóficas para explicar a superioridade da branquitude sobre a negritude, dos homens sobre as mulheres, dos patrões sobre os empregados. Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar. (FREIRE, p. 59)*

De forma consciente, Freire (2011) depreende que, quando revestido de ideologia, ou seja, a constituição de um significado particular, o discurso atua de forma anestésico, distorcendo o modo como percebemos a realidade e confundindo a nossa curiosidade crítica, inventiva e questionadora. Frente a isso, ele alerta que nunca podemos nos posicionar de modo acrítico quando nos deparamos como discursos antiéticos, autoritários, homofóbicos, racistas machistas ou discriminatórios de qualquer natureza.

## Aspectos do multiculturalismo

Em todos os espaços sociais, lidamos com as diferenças identitárias quer sejam elas em termos raciais, de classe, de gênero e de sexualidade, pois a diversidade é um traço característico de qualquer sociedade ela viceja nas escolas e universidades. No entanto, a preparação para o convívio com a diversidade ainda é bastante precária na maioria dos contextos. Neste sentido, o multiculturalismo se apresenta como um campo teórico, político e prático que oportuniza respostas para o tema da diversidade. No entanto,

a polissemia do termo denota posições e práxis aparentemente distintas que convém ser apresentadas.

Para Hall (2006), numa perspectiva sociológica, o multiculturalismo “refere-se às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidades gerados em sociedades multiculturais” (HALL, 2006, p. 50). A questão é que muitas vezes o multiculturalismo, para o autor, tende a ser reduzido numa dimensão política doutrinária (meramente teórica) que é bastante reducionista uma vez que tende a ser formalizada num discurso banal.

Dentre as diversas facetas do multiculturalismo, Candau (2008), Canen (2008), MacLaren (1997), Moreira e Câmara (2008), Silva (2000) e Hall (2006) destacam que o termo pode ser pensado a partir de perspectivas tanto conservadoras ou liberais quanto a partir de vertentes críticas.

De acordo com a classificação de Hall (2006, p. 51), o multiculturalismo de matriz conservadora propõe uma postura assimilacionista que busca a integração dos diferentes grupos sociais à cultura da hegemonia. Reconhece que a sociedade é multicultural, descritivamente falando, composta por pessoas que ocupam posições, por assim dizer, “inferiores” daqueles que tem acesso a bens, serviços e direitos fundamentais.

Continuando com sua classificação o autor apresenta outras visões, ou versões do termo multiculturalismo tais como:

*O multiculturalismo liberal busca integrar os diferentes grupos culturais o mais rápido possível ao mainstream, ou sociedade majoritária, baseado em uma cidadania individual universal, tolerando certas práticas culturais particularistas apenas no domínio privado. O multiculturalismo pluralista, por sua vez, avalia diferenças grupais em termos culturais e concede direitos de grupo distintos a diferentes comunidades dentro de uma ordem política comunitária ou mais comunal. O multiculturalismo comercial pressupõe que, se a diversidade dos indivíduos de distintas comunidades for publicamente reconhecida, então os problemas de diferença cultural serão resolvidos (e dissolvidos) no consumo privado, sem qualquer necessidade de redistribuição do poder e dos recursos. O multiculturalismo corporativo (público ou privado) busca “administrar” as diferenças culturais da minoria, visando os interesses do centro. O multiculturalismo crítico ou “revolucionário” enfoca o poder, o privilégio, a hierarquia das opressões e os movimentos de resistência. (HALL, 2006, p. 51)*

É a perspectiva revolucionária, também denominada de multiculturalismo crítico ou interculturalidade, conforme (CANDAU, 2008), que pressupõe a inter-relação entre os diversos grupos que compõem a sociedade. Essa perspectiva não admite visões essencialistas de culturas e identidade culturais, pois entende a cultura como uma produção, um contínuo e

conflitivo processo de negociação, nunca estável que movimenta um fluxo de identidades abertas, impuras, flexíveis, contraditórias e contaminantes em que posições assimétricas de poder se instauram marcando fronteiras, discriminando e marginalizando pessoas e grupos minoritários.

Essa perspectiva crítica entende que:

*As relações culturais não são idílicas, não são românticas, elas estão construídas na história e, portanto, estão atravessadas por questões de poder, por relações fortemente hierarquizadas, marcadas pelo preconceito e discriminação de determinados grupos. (CANDAUI, 2008, p. 23)*

Portanto, o aspecto mais crítico do multiculturalismo reconhece as diferenças culturais, mas também se compromete com práticas de justiça social tornando aparente e denunciando os mecanismos que estabelecem as desigualdades sociais que oprimem e silenciam sujeitos e grupos com menos poder.

Neste sentido, a arte educação multicultural constrói espaços educativos para que as pessoas possam refletir criticamente sobre a diversidade e suas variadas feições. Uma das formas de se fazer isso e levantar questionamentos tais como: de que forma as representações, de pessoas e grupos sociais, foram constituídas? Por quem, com quais motivos e o que elas representam? Como grupos sociais diferentemente se interessam por essas representações? Como elas podem ser desconstruídas ou ressignificadas? Elas marginalizam ou discriminam pessoas e grupos com menos poder? Quem tem o poder de representar? Quais os interesses políticos dessas representações?

Compreendemos, portanto, que as imagens ajudam na dispersão de discursos sociais sendo possível presumir que na cultura visual o principal interesse:

*É tentar confrontar diferentes modos de ver, dizer, pensar e fazer veiculados pelas imagens. Questionar as interpretações existentes, atentando para as condições históricas que contribuíram para tornar uma determinada afirmação aceitável, e criar possibilidades para que outras possam surgir são as provocações fundamentais da Educação da Cultura Visual. (NASCIMENTO, 2011, p. 213)*

Além disso, a arte educação, numa perspectiva multicultural crítica, não admite posições acríticas de discursos, pois busca a constante legitimação das diferentes identidades, entendemos que elas enriquecem e promovem a construção de uma sociedade mais justa, democrática e cidadã.

## **Arte educação e diversidade: campo de possibilidades**

Questões que envolvem o tema da diversidade, sexualidade e diferença têm sido mais amplamente debatidas para aqueles que pensam em um

ensino de arte responsivo que venha a preparar as pessoas para um mundo mais justo e igualitário. Neste sentido, a educação da cultura visual pode apresentar um suporte para aqueles que buscam fundamentar sua prática educacional pautada na justiça social, pois, “oferece oportunidade de se confrontar questões de raça, classe, gênero e sexualidade” (STUHR, 2011, p. 135), possibilitando que os envolvidos nos processos educacionais, sobretudo, professores e alunos confrontem seus medos, valores e preconceitos questionando os mecanismos que constroem estereótipos e modos de ver os outros.

Logo, uma arte educação multicultural se torna um desafio constante que veementemente na alerta sobre a necessidade da permanência dessa abordagem para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, para com as diferenças de gênero, de classe social, de raça e de sexualidade, pois, ao se assumir uma reflexão crítica frente aos problemas sociais, pressupõe-se que posições sejam tomadas frente a assuntos, temas e a imagens que são muitas vezes silenciadas ou negadas nos ambientes educacionais.

Além disso, é notório que cada vez mais artistas e produtores visuais estão constantemente apresentando imagens que fogem da esfera filosófica da estética, friccionando, em suas práticas artísticas, temas sociais e identitários complexos, tais como raça, sexualidade e classe social, por exemplo. Sendo assim, cabe a nós professores ensinar as pessoas a construir um sentido que conecte essas representações visuais às questões de poder, justiça, multiculturalismo e inclusão social.

Como exemplo dessa discussão, podemos citar a obra do fotógrafo e jornalista francês Philippe Castetbon, apresentada no Brasil em uma exposição denominada “*Condenados – no meu país, minha sexualidade é um crime*”. Essa exposição foi o resultado de um processo de pesquisa artística fortemente engajada. O artista se valeu das redes sociais para estabelecer contato com pessoas homossexuais de alguns países onde a homossexualidade ainda é criminalizada. Ao entrar em contato com os colaboradores, o fotógrafo explica sua proposta e solicita aos interessados em participar do seu projeto artístico que lhe enviem uma fotografia com seu rosto encoberto para preservar sua identidade e para não serem reconhecidos em seus países de origem. As imagens que foram apresentadas nesta exposição se tratam da participação espontânea dos colaboradores que, ao se exporem, tornam pública parte de suas identidades e, com esse gesto, politizam a discriminação sexual que sofrem cotidianamente.

As imagens do fotografo acima mencionado foi alvo de uma discussão realizada em sala de aula onde propus junto com alguns estudantes, do curso modular de formação de professores em artes visuais na Universidade Federal do Amapá, um debate sobre imagens e identidades. Com a finalidade de desenvolver esta atividade, sugeri aos estudantes que trouxessem, para sala de aula, objetos ou imagens que falassem de suas identidades sociais. Cada estudante, ao buscar sua imagem, foi orientado a desenvolver uma



reflexão crítica sobre escolhas o que os fez pensar em perguntas, tais como: o que essa imagem revela acerca de minha identidade? De que forma minha identidade pode ser questionada em termos críticos? Até que ponto minha identidade se discerne ou se fricciona com os meus fazeres docentes? Em que sentido minha identidade racial, sexual, de gênero, geracional ou de origem, enceta visões de mundo e modos de ver o outro? Como eu me vejo e como o outro é visto por mim? Como eu narro minha identidade e como essa narrativa estabelece os limites das diferenças? Como ao narrar minha identidade eu marco sentidos discriminatórios para o outro? Questões como estas são maneiras de fazer com que os estudantes perceberem que seu trabalho de sala de aula não se restringe a uma elaboração mecânica, pois, sendo também um ato político, também demarcam fronteiras sociais. Pode-se assim dizer que o ato pedagógico também é identitário.

Alguns dos estudantes, que já são professores no Estado do Amapá, trouxeram para sala de aula imagens que quase nunca paravam para observá-las. Foi um exercício carregado de sentido para muitos desses alunos, inclusive para mim, que me reconheci, posicionei e exigi o posicionamento deles frente às imagens.

Muitos discentes trouxeram imagens que narravam seus relacionamentos afetivos, afetos relacionados à suas casas, quintais, amigos e memórias. Dentre essas, destaco a narrativa de uma aluna por ser a única que corajosamente tangenciou o tema da diversidade sexual. Essa estudante levou uma montagem produzida por ela que continha um texto sobreposto em uma bandeira do movimento homossexual com os dizeres “se a medida do amor é amar sem medidas, por que o seu amor pode e o meu não?” Ao mostrar essa imagem em sala de aula, a estudante narra dos processos subjacentes do preconceito. A estudante não se identifica publicamente na narrativa escrita por ela, mas se levanta e apresenta a imagem na sala de aula contando sua história de vida. Sua narrativa é cheia de elipses e de silêncios e fala que, em algumas vezes, se sente uma pessoa frustrada pelo fato de ter que assumir uma posição diferente da que pensa ou sente simplesmente para agradar as pessoas. Ela afirma, por exemplo, que, após a sua separação conjugal, sua família a discriminou e, de forma crítica, a estudante se posiciona frente aos tabus sociais a ela impostos.

Para Fontes (2010) as narrativas estão diretamente envolvidas na construção de nossas subjetividades, pois permitem que as pessoas se localizem ou que sejam localizadas em um determinado conjunto de histórias que as guiam socialmente para atuarem na cultura de acordo com as convenções previamente determinadas. As narrativas, mais do que simplesmente informar como as pessoas, se posicionam na cultura, estabelecem projeções, expectativas e desejos de outros repertórios sociais disponíveis que são buscados pelos indivíduos para a construção de suas identidades.

Subentendemos que se faz necessário promover uma reflexão crítica sobre o modo como as pessoas constroem suas próprias narrativas identitárias e

qual o papel dos artefatos visuais enquanto conhecimentos sociais nesse processo. Do mesmo modo, entendemos que as práticas docentes, além de serem políticas e de exigirem um posicionamento de cada professor frente à diversidade sexual, são também práticas que simulam, dissimulam, disfarçam, fantasiam, narram e constroem subjetividades.

Neste sentido, a arte educação pautada numa abordagem crítica e multicultural pode ajudar as pessoas a compreender a capacidade que as imagens possuem de nos informar sobre a construção de nossas identidades.

Sendo assim, um olhar crítico e reflexivo para as imagens possibilita falar de identidades e de problemas sociais mais complexos tais como a questão da diversidade sexual. Desse modo, é sempre possível apresentar uma contribuição, que, de certa forma, torna visível, no campo da arte educação, vozes, desejos e visões de grupos e pessoas que são deliberadamente excluídas dos processos educacionais como um todo como.

Assim, atividades pedagógicas com o uso de imagens no campo da arte, numa perspectiva crítica, apresentam paradigmas identitários, mais característicos com os contornos fluidos e complexos do nosso tempo e podem ser momentos onde fissuras desestabilizam as fronteiras de identidades sociais baseadas em estereótipos, podendo promover uma arte educação multicultural, inclusiva e com justiça social.

## Referências

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; CANDAU, Vera Maria (Orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008, p. 13-37.

CANEN, Ana. A pesquisa multicultural como eixo na formação docente: potenciais para a discussão da diversidade e das diferenças. **SciELO**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 59, jun. 2008. Seção Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40362008000200008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362008000200008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 25 fev. 2016.

CASTETBON, Philippe. Condenados: no meu país, minha sexualidade é um crime. **Domínio Público Agência**, maio/jul. 2015. Disponível em: <<http://dominiopublicoagencia.com/condenados/>>. Acesso em: 8 mar. 2016.

DUNCUN, Paul. Por que a arte-educação precisa mudar e o que podemos fazer. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011, p. 15-30.

FONTES, Bárbara de Souza. A cultura na sociologia contemporânea: identidades, narrativas e estratégias de ação. **Revista Enfoques**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 77-93, ago. 2010. Disponível em: <<http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br>>. Acesso em: 11 mar. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HALL, Stuart. A questão multicultural. In: HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e**

mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 49-94.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. São Paulo: Cortez, 1997.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; CÂMARA, Michelle Januário. Reflexões sobre currículo e identidade: implicações para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; CANDAU, Vera Maria (Orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 38-66.

NASCIMENTO, Erinaldo Alves do. Singularidades da educação da cultura visual nos deslocamentos das imagens e das interpretações. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011, p. 209-226.

SILVA, Tomas Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomas Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.

STUHR, Patricia. Cultura visual na arte-educação crítica multicultural. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011, p. 131-152.